

PEQUENOS NÚCLEOS URBANOS: relação campo/ cidade e vida cotidiana na vila de Pires Belo, Catalão (GO)

Amanda Pires de Mesquita¹
amandapmesq@gmail.com

Estevane de Paula Pontes Mendes²
estevaneufg@gmail.com

Resumo: Esse artigo busca, através dos conceitos de vida cotidiana, a compreensão da permanência de modos de vida rural na área urbana do distrito de Pires Belo, Catalão (GO). Interpretar a vida cotidiana no estudo da Vila permite reconhecer que as dinâmicas do mundo moderno se manifestam no cotidiano e este se torna instrumento importante de conhecimento e análise da sociedade, trazendo visibilidade a essa complexa realidade social. Assim, o modo de vida rural é reconhecido nas relações cotidianas, no trabalho, nas relações sociais e não nos aspectos físicos da Vila, pois é no cotidiano que estão as resistências à ordem social hegemônica, e leva-nos a considerar que nem tudo é cooptado pela racionalidade capitalista, mas que as resistências à razão técnica e ao urbano, enquanto realidade real e virtual são encontradas no cotidiano. Mesmo com a inserção de hábitos e equipamentos modernos, os habitantes da Vila preservam os traços de um modo de vida rural pela relação que mantém com o campo.

Palavras-chave: Vida cotidiana. Pequenos núcleos urbanos. Vila de Pires Belo.

SMALL URBAN CENTERS: relationship field and city and everyday life in the *vila* of Pires Belo, Catalão (GO)

Abstract: This article seeks, through the concepts of everyday life, the understanding of the permanence of modes of rural life in the urban area of the district of Pires Belo, Catalão (GO). To interpret the everyday life in the study of the *Vila* allows to recognize that the dynamics of the modern world are manifested in the daily routine and this becomes important instrument of knowledge and analysis of society, bringing visibility to this complex social reality. Thus, the rural way of life is recognized in everyday relationships, at work, in social relations and not in the physical aspects of the *Vila*, because it is in the daily routine that are the resistances to hegemonic social order, and leads us to consider that not everything is co-opted by capitalist rationality, but that the resistances to technical reason why and to urban areas, while real and virtual reality are found in everyday life. Even with the inclusion of habits and modern equipment, the habitants of the Village preserves the traces of a rural way of life by the relationship that keeps with the field.

Keywords: Everyday Life. Small urban centers. *Vila* of Pires Belo.

1 Introdução

A intensificação das trocas do mundo rural com o urbano implicou numa maior riqueza de relações e em novas dinâmicas no campo e na cidade que suscitaram estudos sobre os pequenos núcleos urbanos com vistas a compreender a realidade desses territórios e, também, suas particularidades. A leitura da relação campo e cidade constitui-se em um debate rico para a ciência geográfica, principalmente ao tratar da influência dessa relação na dinâmica dos

¹ Mestre em Geografia, Universidade Federal de Goiás. Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (Nepsa/CNPq).

² Professora do Programa de Pós-graduação em Geografia, RC/UFG. Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (Nepsa/CNPq).

pequenos núcleos urbanos, como algumas vilas que embora classificadas como espaços urbanos pelos órgãos e instituições oficiais, apresentam em seu cotidiano, práticas e reprodução de valores característicos do mundo rural.

Dessa forma, esse artigo busca, através dos conceitos de vida cotidiana, a compreensão da permanência de modos de vida rural na área urbana do distrito de Pires Belo, Catalão (GO). O estudo pauta-se na necessidade de investigações que vão além da abrangência territorial e compreendam as relações cotidianas habitante-lugar. Salienta-se a importância da interpretação do conceito de vida cotidiana no estudo da vila de Pires Belo, pois compreende-se que as dinâmicas do mundo moderno se manifestam no cotidiano e este se torna instrumento importante de conhecimento e análise da sociedade, trazendo visibilidade a essa complexa realidade social.

Além disso, analisa-se a Vila como parte do sistema hierárquico urbano brasileiro reconhecendo sua configuração espacial e suas particularidades, o que permite a elaboração de políticas públicas e planos de ação voltados aos interesses e melhorias da qualidade de vida dos moradores dos distritos.

A permanência de modos de vida rurais na Vila do distrito é reconhecida nas práticas cotidianas de seus moradores, pois a vida cotidiana tem influência direta na reprodução do espaço. É no cotidiano que estão as resistências ao que é imposto pela ordem social hegemônica, e leva-nos a considerar que nem tudo é cooptado pela racionalidade capitalista, mas que as resistências à razão técnica e ao urbano, enquanto realidade real e virtual são encontradas no cotidiano. No cotidiano dos moradores da Vila de Pires Belo é encontrada a resistência do rural e o que não é capturado pelo modo de vida urbano.

2 Os pequenos núcleos urbanos e a relação com o rural

O debate acadêmico em torno das interpretações campo/cidade é renovado a partir de eventos e ações que inserem e modificam o que até então era entendido como rural ou como urbano. Novos estudos sobre os pequenos núcleos urbanos se inserem nesse contexto, e devem realizar-se em face dessas novas abordagens sobre o campo e a cidade, pois é ao entender o rural e o urbano como partes de um mesmo processo que se reconhece esses espaços. Busca-se nessa subseção mostrar a importância do estudo dos pequenos núcleos urbanos no desenvolvimento das relações entre o rural e o urbano, bem como para apreender a configuração socioespacial em tais espaços.

É importante considerar que apesar de ainda poucos, cresce no Brasil, em especial nos estudos geográficos e na Sociologia Rural, o interesse de pesquisadores por temas que

discutam pequenos núcleos urbanos, cidades médias, cidades pequenas e distritos como nos trabalhos de Wanderley (2001); Soares (2007); Melo (2008); Silva (2008); Monastiky et al. (2009), Araújo e Soares (2009); Lopes e Henrique (2010); Fresca (2010); Casaril (2010) dentre outros que buscam compreender as dinâmicas espaciais e econômicas dessas localidades.

São apresentadas discussões sobre pequenos núcleos urbanos e pequenas cidades desenvolvidas no Brasil, sem a pretensão de caracterizar, diferenciar, ou mesmo, conceituar o que seja uma pequena cidade através de dados estatísticos e normas administrativas (IBGE; IPEA). Acredita-se que apenas os dados numéricos não traduzem as dinâmicas dos núcleos urbanos nem são sinônimos da realidade desses lugares, principalmente ao considerar as discrepâncias regionais brasileiras.

Como exemplo, dessa discrepância regional, podemos citar a realidade do estado de Goiás em que a maioria das cidades com mais de 20 mil habitantes não podem ser consideradas uma pequena cidade devido às funções exercidas no contexto estadual, diferente de uma cidade com o mesmo número de habitantes em São Paulo. Isso mostra a diferença de uma pequena cidade em escalas estaduais e nacionais.

A complexidade das cidades e do urbano brasileiro traduz-se em dificuldades de análises que contemplem essas realidades. É preciso encontrar caminhos que permitam compreender essas áreas para melhor desenvolvimento e atendimento de suas necessidades locais. É importante considerar o contexto regional em que esses núcleos urbanos estão inseridos bem como a dinamicidade do processo de urbanização no país.

A qualificação ou não de cidade precisa ir além do número populacional e esse critério, embora se apresente como um caminho, não deve engessar as discussões e análises sobre o tema, pois a vida de relações presentes no local deve definir seu contexto urbano ou rural. O modo de vida rural na Vila é caracterizado pelas artes de fazer dos moradores nas suas práticas cotidianas: no trabalho, nas relações de sociabilidade, nos momentos de lazer, enfim, é no desenrolar da vida dos sujeitos que se reconhece um modo de vida rural.

Considerou-se neste trabalho as vilas, sedes distritais, como pequenos núcleos urbanos diante da dificuldade de conceituar e definir esses espaços, os quais não representam núcleos rurais, pois são legalmente definidas como áreas urbanas e não podem ser consideradas cidades, já que as vilas não são núcleos dotados da função de sede municipal. Segundo Corrêa (2011),

[...] reconhecemos que inúmeras vilas e povoados têm funções urbanas, mas o padrão dominante diz respeito à presença da função político-administrativa. Ser sede municipal significa certo poder de gestão de um dado território, o município, para o qual a presença de instituições e serviços públicos, além do acesso a tributos estaduais e federais tornam-se essenciais. (CORRÊA, 2011, p. 6).

Como as vilas não representam a sede do poder municipal e nem possuem autonomia administrativa não são consideradas cidades. Essa é uma questão discutida em estudos sobre a classificação de áreas urbanas e rurais, principalmente, quanto a pertinência em considerar os distritos como urbanos e integrantes efetivamente do sistema de cidades.

Abramovay (2003) não concorda com o critério de delimitação administrativa, o qual considera no Brasil, as localidades com extensão de serviços públicos como áreas urbanas, como é o caso de sedes distritais. A partir dessas constatações, Abramovay (2003) pondera que o essencial não é apenas saber se um distrito censitário é rural ou urbano, mas sim, qual é a dinâmica de certa região, sem que sua aglomeração seja isolada do seu entorno. Dessa forma, é importante analisar as relações desses pequenos núcleos urbanos com o meio rural - do qual dependem imediatamente e com as cidades - que lhe imprimem o essencial de sua dinâmica.

Outro autor que menciona a realidade dos distritos e vilas em seus trabalhos é Veiga (2004). O autor considera que o processo de urbanização brasileira contém regras que não condizem com a realidade urbana e rural. Uma delas é considerar urbana toda sede de distrito, sejam quais forem suas características. Para fugir dessas classificações, Veiga (2002) chegou a propor um critério de contagem que mesclava tamanho populacional, densidade demográfica e localização da área. Segundo esse critério a população rural seria 30% da população brasileira, ou seja, o Brasil seria menos urbano do que se calcula.

Embora seja relevante a crítica de Veiga (2002, 2004) às delimitações oficiais do Governo, o autor acaba por simplificar a ação social e histórica pela “pressão antrópica¹” e não considera critérios relevantes como as contradições profundas no espaço e as complexas relações sociais que não podem ser desprezadas frente às atuais relações entre o campo e a cidade. Nos dizeres de Carlos (2007a),

a ideia de “pressão antrópica sobre a natureza” e de “artificialização dos ecossistemas” nada explica sobre o que se constrói enquanto cidade e campo como produtos das ações de uma sociedade real. A limitação do papel da sociedade a uma indefinida ‘ação antrópica’ reduz o entendimento do espaço a um quadro físico inerte, passível de sofrer maior ou menor intervenção humana, atestando um processo de ‘naturalização da sociedade’ pela análise. (CARLOS, 2007a, p. 105, grifos da autora).

As últimas cinco décadas foram marcadas por um processo de transformação tecnológica, econômica, social e política que influenciaram a sociedade em geral, e como consequência as cidades. Essas transformações, que promoveram mudanças nas relações de tempo e espaço, suscitaram alterações na concepção de produção e gestão das cidades e, também, possibilidades de integração e organização com novas fronteiras entre cidade e região, cidade e campo sem distinções rígidas (SOARES; MELO, 2004).

Há uma variedade de fatores que devem ser considerados no estudo dos pequenos núcleos urbanos como a relação com o entorno rural, a dependência de um sistema urbano regional, suas funções urbanas e o modo de vida que apresentam. Mesmo porque a compreensão desses lugares implica no reconhecimento de todo um sistema urbano sem o qual não é possível uma análise eficaz. Uma vez que há um número considerável de pequenas cidades no país, assim estudos que as envolvam são de suma importância, principalmente em estudos geográficos.

Frente a importância de estudos que consideram os pequenos núcleos urbanos, ainda na década de 1970, Santos (1979), realiza um trabalho sobre as pequenas cidades, denominadas pelo autor de *cidades locais* e argumenta que é preciso analisar as estatísticas e a realidade brasileira para avaliar essa nova realidade urbana que merece tanto interesse quanto às grandes cidades. Para Santos (1979) uma *cidade local* é

[...] a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população com verdadeira especialização do espaço [...] poderíamos então definir a cidade local como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações. (SANTOS, 1979, p. 70).

Nota-se que, para designar uma *cidade local*, o autor não faz referência à quantidade populacional ou territorial, visto que há uma diversidade de pequenos núcleos urbanos no Brasil. Assim, quando se referencia pela quantidade populacional ou pela infra-estrutura existente, as *cidades locais* sujeitam-se a modelos que nem sempre resultam em realidades, tendo em vista que “[...] aceitar um número mínimo [...] para caracterizar diferentes tipos de cidade no mundo inteiro, é incorrer no perigo de uma generalização perigosa.” (SANTOS, 1979, p. 69).

Outro ponto considerado para a compreensão das *cidades locais* é a interpretação do termo “necessidades vitais mínimas” utilizado por Santos (1979). Essas necessidades variam de acordo com o espaço e com o tempo e são continuamente alteradas. Cada sociedade apresenta necessidades diferentes, as quais são modificadas ao longo do tempo. Logo, as

necessidades vitais mínimas em uma *cidade local* do Sudeste brasileiro não são, por exemplo, as mesmas de uma região do Semiárido Nordestino, nem mesmo essas necessidades de hoje serão as mesmas nos anos ou décadas seguintes.

No início dos anos de 1990 ocorreu uma retomada das discussões sobre redes urbanas e pequenas cidades, até então pouco privilegiadas nas pesquisas geográficas. De acordo com Fresca (2010), a retomada nos estudos sobre cidades pequenas é resultado das intensas modificações na organização socioespacial brasileira. Essas transformações afetaram a rede urbana e permitiram novos papéis nestas cidades, possibilitando às mesmas tornarem-se lócus privilegiado da realização de parcelas da produção e inserirem-se em interações espaciais de grande alcance, como uma particularidade da urbanização brasileira.

Então, essas novas pesquisas que consideram as características e as diversidades desses lugares merecem atenção, pois são espaços que não estão dissociados dos processos gerais que marcam a sociedade, além de representarem a maior parte do que é oficialmente reconhecido como cidade no país (SOARES; MELO, 2010).

Ferreira (2008) acrescenta que um dos fatores essenciais para análise das cidades pequenas e seus papéis é a formação socioespacial frente a região e a rede. Devem ser consideradas suas especificidades no desenvolvimento urbano do país e dessa forma, desvendar a diversidade de sujeitos e ações que envolvem tais núcleos urbanos em níveis distintos de complexidade e interações.

Em estudo sobre as pequenas cidades do nordeste brasileiro, Maia (2010), considera que há uma similaridade entre esses espaços, principalmente no que tange à relação campo/cidade em que a agricultura e a pecuária se revelam como o principal componente da economia local. No distrito de Pires Belo, a base da economia é a pecuária leiteira e de corte, além do cultivo de tomate (tomaticultura).

Soares e Melo (2010) apresentam elementos que auxiliam na compreensão das pequenas cidades brasileiras, bem como elaboram parâmetros qualitativos para leitura dos pequenos núcleos urbanos. Incluindo outros elementos, devem ser considerados: a relação com a natureza; o entorno rural e as ruralidades; a dependência do sistema urbano regional e os aspectos de sociabilidade. Desse modo, mais que uma classificação em tamanho populacional e/ou territorial, cabe reconhecer as características econômicas e sociais desses lugares bem como a vida cotidiana dos seus moradores.

Nos pequenos núcleos urbanos, como as vilas, há um maior contato com a natureza, visto que representa um meio de sobrevivência “[...] seja como atividade produtiva, através

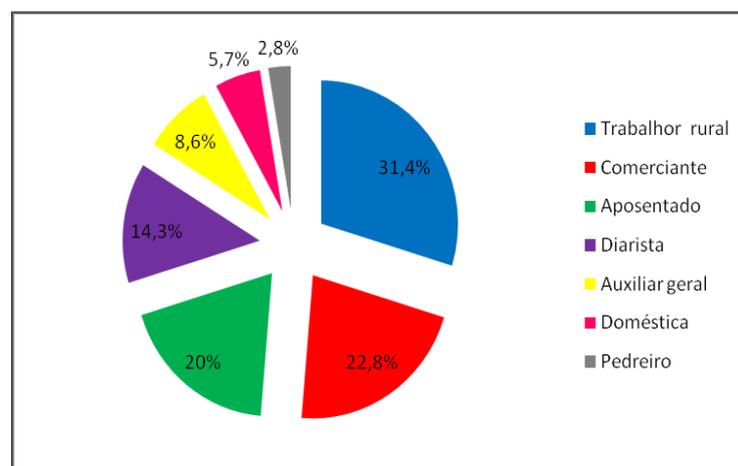
dos alimentos produzidos para sua comercialização e consumo, seja como lazer ou prática turística, através das cachoeiras e matas.” (SOARES; MELO, 2010, p. 242).

No que se refere ao entorno rural é possível reconhecer que possuem forte ligação e vinculação com as áreas rurais, seja porque grande parte da população trabalha no campo, ou mesmo porque sua economia é basicamente proveniente dessas áreas. Dessa forma, não há como abordarmos os pequenos núcleos urbanos sem referir à influência que o rural exerce sobre a economia, a política, a cultura e a realidade social dessas áreas.

Na vila de Pires Belo, o interesse da população por atividades agrícolas se explica pela escassez de outras fontes de renda no Distrito e pela tradição rural dos moradores da região. A população que viveu e vive das atividades no/do campo alegam possuir maior habilidade e identificação com as atividades ligadas a agricultura e a criação de animais (Informação verbal, maio/dez. 2013).

A maioria da população residente na Vila veio das áreas rurais (40%) e a mudança geralmente acontece quando os filhos crescem e precisam estudar, então, os pais com a intenção de ver os filhos com melhores condições de vida, deixam a *roça*² para morar na Vila. Dessa maneira, mesmo residindo na área urbana, essas famílias dependem economicamente do campo, o que garante a permanência da tradição rural como a maneira de trabalhar com a terra, a sociabilidade entre as famílias e entre os membros desta que é passado de geração a geração (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Pires Belo, Catalão (GO): situação ocupacional dos moradores – 2011.



Fonte: Pesquisa de campo (2011/2013). Org.: Mesquita, A. P. de. (2013).

A outra parcela significativa da população (22,8%) constitui-se de comerciantes os quais compõem a herança da origem do povoado, quando outrora era ponto de comércio,

Vendas. Esses comerciantes mantêm a estrutura das antigas vendas e são, em geral, filhos, netos ou parentes mais próximos dos antigos comerciantes do local.

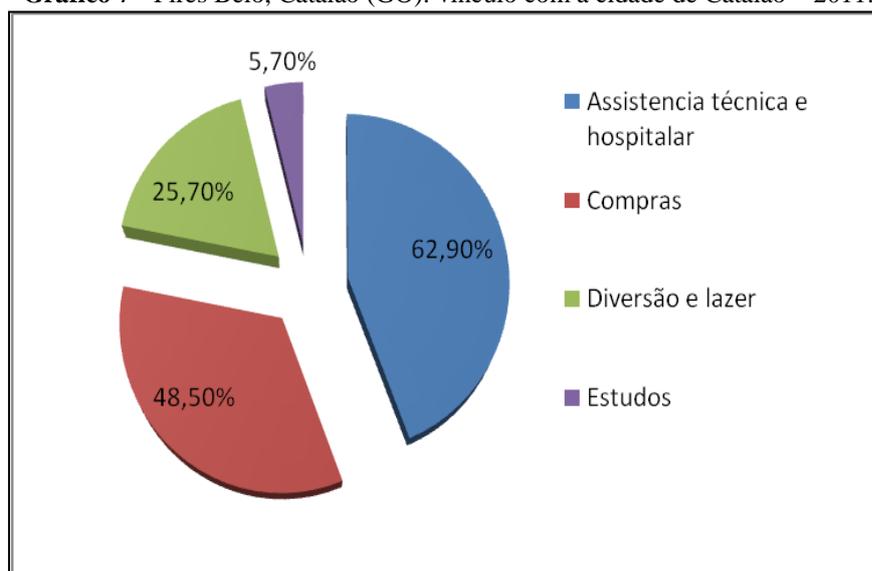
A proximidade da cidade de Catalão (GO) e a pequena quantidade de habitantes dificultam a instalação de novos comércios no local, mesmo porque a população prefere os antigos comerciantes, conhecidos e que reconhecem a todos. A confiança pessoal permite que nesses comércios ainda se use a “caderneta³”, na qual são anotadas as compras realizadas. Como afirma Silva (2010), em seu trabalho sobre a cultura rural nos pequenos núcleos urbanos,

o “comprar fiado” é um costume que se baseia justamente na confiança e funciona, pois, o comprador se não pagar terá seu nome “negativado” na cidade, ofendendo assim sua própria moral como homem. São nesse sentido características próprias de pequenos centros, onde as relações estabelecidas são oriundas do mundo rural. (SILVA, 2010, p. 4, grifos do autor).

Soares e Melo (2010), ao falarem da dependência ao sistema urbano regional, afirmam que o processo de urbanização existente nos pequenos núcleos urbanos é a principal consequência da concentração das atividades econômicas e da oferta de serviços nos grandes e médios centros urbanos e, particularmente, da insuficiente rede de comunicação/informação entre aglomerações de todos os tamanhos.

O vínculo do Distrito com a cidade de Catalão se dá por várias razões. Há um fluxo diário de dezenas de pessoas que buscam lazer, trabalho, atendimento médico-hospitalar, educação, mercadorias e serviços em geral. Esse fluxo diário se deve à concentração de serviços urbanos em Catalão (GO) e pela proximidade do distrito com a cidade sede. Catalão, como cidade média, concentra todas as atividades e serviços e desempenha importante papel econômico na região (Gráfico 7).

Wanderley (2001), em seus estudos sobre as pequenas cidades pernambucanas, traz elementos que considera fundamentais aos estudos dos pequenos núcleos urbanos. São eles: o exercício das funções propriamente urbanas; a intensidade do processo de urbanização; a presença do mundo rural; o modo de vida dominante e a dinâmica da sociabilidade rural. Os pequenos núcleos urbanos são espaços ainda dominados pelo cotidiano rural, embora seja considerada a importância da análise do contexto territorial e das diferentes realidades socioespaciais em que estão inseridos.

Gráfico 7 - Pires Belo, Catalão (GO): vínculo com a cidade de Catalão – 2011.

Fonte: Pesquisa de campo (2011/2013). Org.: Mesquita, A. P. de. (2013).

Foi mediante essas considerações que se realizou o estudo da vila do distrito de Pires Belo como área urbana e suas relações com as intermediações rurais. Há grande influência nesses locais das áreas rurais, tanto pelo modo de vida que é trazido para a área urbana, quanto pela economia local que é diretamente dependente do campo.

Assim, o rural deve ser analisado enquanto forma de vida e de organização social e não como uma extensão dos limites do urbano. Reconhecer os significados do rural permite a elaboração de políticas públicas de intervenção de espaços que apresentam modo de vida específicos ao considerar a dinâmica atual desses espaços e reconhecer as necessidades dos habitantes locais para melhor desenvolvimento de suas funções e atividades. A seguir aborda-se sobre a vida cotidiana e o modo de vida dos moradores além da relação com o lugar.

3 O lugar e a vida cotidiana no distrito de Pires Belo: permanência dos hábitos rurais

Compreender a dinâmica socioespacial da área urbana do distrito de Pires Belo sugere a análise da vida cotidiana, pois é nela, onde se manifestam os ritmos da vida. O cotidiano enquanto categoria filosófica pode contribuir para compreensão da permanência de hábitos rurais como resistência à lógica capitalista que homogeneiza os lugares. O lugar é aqui considerado como expressão do mundial, e também, onde se manifestam as relações cotidianas. Interessa-nos entender o lugar como formação humana, considerando as relações sociais que se estabelecem nele e a dominância de determinadas referências, no caso das Vilas, daquelas vinculadas ao modo de vida do campo.

Pires Belo é um distrito que pertence ao município de Catalão (GO) e teve sua origem, ainda como povoado, em meados dos anos de 1940 com a construção de um rancho ao lado da atual Rodovia Federal BR-050. Atualmente, já elevado à distrito, Pires Belo é administrado pelo governo municipal de Catalão (GO) sendo subordinado política e economicamente a este município.

As exigências para a criação de municípios no Brasil, e em especial no estado de Goiás impossibilitam a emancipação do distrito de Pires Belo. Dentre os vários fatores que impedem sua emancipação¹ estão a fraca atividade econômica local, voltada basicamente à economia de consumo, incapaz de manter um município, a falta de infraestrutura e um número populacional incipiente (1.369 habitantes – IBGE, 2010).

Enquanto não possui autonomia administrativa, o distrito fica sob o comando do governo municipal que raramente atende às suas necessidades, e não raras vezes essa é a realidade da maioria dos distritos brasileiros. A falta de apoio à população local pode ser vista na carência de serviços oferecidos na Vila, principalmente nos que estão relacionado a saúde e a educação. A pouca oportunidade de emprego obriga os jovens a migrarem para as cidades maiores, em busca de melhores condições de vida. Essa migração poderia ser contida com o investimento, pelo Governo Municipal, de postos de trabalho, os quais também contribuiriam para o aumento da economia local.

Os distritos são negligenciados, também, quanto às pesquisas e aos estudos que tenham interesse em compreender a realidade econômica e social desses lugares e a dependência que mantém com o campo e com a cidade sede, sendo uma temática pouco abordada nas Ciências Sociais e Humanas. Compreender a configuração espacial e as particularidades dos distritos é relevante principalmente na elaboração de políticas públicas e de planos de ação voltados aos interesses e melhorias na qualidade de vida dos moradores de distritos.

Assim, é importante reconhecer, a partir do cotidiano, o rural como modo de vida mesmo sem desconsiderar a presença do urbano e as transformações que este proporciona ao lugar, pois considera-se que lugar do cotidiano se produz simultaneamente ao lugar do mundial. E as condições locais da Vila, manifestam-se como resistência a homogeneidade dos lugares e das pessoas. Compreender essas resistências à mundialidade e aos desejos que ela impõe à vida é desvendar a vida cotidiana em todas as suas dimensões e, assim, enxergar os resíduos e as possibilidades que se conservam.

A interpretação do conceito de cotidiano, antes conhecido como o banal o irrelevante vem ganhando significado, principalmente nas últimas décadas, com o processo de globalização repercutido nas esferas econômica, científica e cultural. Dessa forma são

utilizadas, principalmente abordagens teóricas das obras de Lefebvre (1991, 1999), Heller (2004) e Certeau (2012), os quais embora apresentem abordagens diferenciadas, se complementam para melhor explicar a realidade empírica da pesquisa. Assim, contribuem nas reflexões sobre constituição dos sujeitos sociais e sobre o permanente conflito entre a acomodação e a resistência, produzida tanto externamente, quanto no interior dos indivíduos.

Para Lefebvre (1991), o cotidiano e suas teorias podem ser instrumentos importantes de compreensão dos processos de globalização ocorridos, principalmente nas últimas décadas, os quais repercutiram nos modos de produção econômica, científica e cultural. Para o autor, a vida cotidiana possui uma estreita relação com a organização social.

Nessa perspectiva, Carlos (2007b), considera que o cotidiano como categoria de análise ganha importância a partir da tendência da mundialização, uma constituição da sociedade urbana que ao generalizar-se produz um novo modo de vida, novos valores que se realizam no plano do local e afetam a escala da vida humana. Ao ganhar dimensão real e concreta no lugar, as teorias do cotidiano revelam que os processos não se referem exclusivamente ao plano da economia, mas como consequência, ao plano social, ou seja, os processos de mundialização da sociedade se revelam no lugar, no cotidiano.

É na vida cotidiana que acontecem as verdadeiras criações, as ideias, os valores, os costumes e os sentimentos, assim, a compreensão da vida cotidiana se faz na mediação das esferas política, econômica e social, esta última como apreensão da totalidade. Nesse contexto, o cotidiano definido como o humilde, o sólido e que aparenta certa insignificância ganha valorização por conseguir se presumir naquilo que não é facilmente percebido.

O estudo da vida cotidiana toma dimensões significativas ao pensar o cotidiano como interpretação do mundo de uma forma diferente, uma interpretação através do “vivido”, capaz de contribuir para a elucidação do mundo moderno, ou seja, o banal do dia-a-dia, o “insignificante” incorporado à filosofia. Segundo Lefebvre (1991),

[...] tratando-se de cotidiano, trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera a cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo, entre fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos. Não apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a “sociedade” [...] (LEFEBVRE, 1991, p. 35, grifo do autor).

Na concepção de Lefebvre (1991), o cotidiano é o produto histórico mais próximo da sociedade e do homem. Constitui-se como instrumento para a abordagem empírica da realidade, e também, como uma forma de mediação entre o particular e o universal, visto que

o lugar do cotidiano se produz simultaneamente à produção do mundial. O movimento da produção/reprodução não se desenvolve nas altas esferas da sociedade, mas na vida cotidiana, pois é nela que se situa o núcleo racional, o centro real da práxis.

Para Lefebvre (1999), é no cotidiano que o homem moderno ultrapassa a dominação exercida pela engrenagem social ‘desumanizante’, mesmo com o sucesso das pressões e repressões advindas do controle sobre a vida, há o fracasso e as contradições que nascem ou renascem mesmo que sufocadas ou mal dirigidas. Dentre essas contratendências que Lefebvre (1999) considera como ‘irredutíveis’ está o desejo. Assim para o autor, o desejo, escapa às normas sociais pelas fissuras que persistem ou se aprofundam entre os diferentes níveis das lógicas sociais.

Costa (2010), ao descrever sobre a vida cotidiana no contexto da obra de Lefebvre (1991), coloca que a sociedade, mesmo sendo programada pelas ideologias do nível global, é no cotidiano, no nível privado, que a riqueza da negação aparece com mais força. A resistência pode ser encontrada através de formas cristalizadas, através de práticas que negam e subvertem a ordem distante. Para Costa (2010),

daí a necessidade do estudo da vida cotidiana como campo da realização de outras possibilidades que não somente aquelas apontadas pela racionalidade capitalista, como lugar da criatividade, do encontro, da festa, da plenitude da vida. Resíduos nos mostram que nem tudo é passível de cooptação e que existem, sim, outros caminhos [...] (COSTA, 2010, p. 48).

Certeau (2012) compartilha da ideia de que é no cotidiano que se encontram às resistências à ordem imposta pela modernidade e acrescenta que através das práticas cotidianas o indivíduo cria formas para resistir aos modelos de consumos impostos pela ordem dominante. Os movimentos de resistência diante das forças hegemônicas de reprodução e controle social são encontrados no cotidiano, ou seja, os mecanismos de poder que tentam regular e controlar a vida dos homens podem ser burlados através de práticas, táticas e estratégias de sobrevivência que os indivíduos criam na dinâmica cotidiana. Para Certeau, Giard e Mayol (2011), o cotidiano,

é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memórias do corpo, dos

gestos da infância, dos prazeres [...] (CERTEOU; GIARD; MAYOL, 2011, p. 31).

Para Certeou, Giard e Mayol (2011), o indivíduo, o homem ordinário, através da invenção do cotidiano e de suas astúcias, compõe uma rede de antidisciplina e táticas de resistências que escapam à razão técnica, alterando objetos e códigos e reapropriando o espaço e o uso à sua maneira. Em contrapartida às estratégias do sistema tecnológico estão as práticas cotidianas como morar, cozinhar, habitar, falar, ler, ir às compras, ou seja, nas operações e usos individuais.

Noutra abordagem, Heller (2004) analisa a vida cotidiana como o lugar onde a sociedade adquire existência concreta, e também, o centro do acontecer histórico que envolve o homem em todos os seus aspectos. Para Heller (2004), o termo vida cotidiana refere-se às formas que a vida assume em diversas sociedades, inclusive em sociedades anteriores e com estruturas diferenciadas às da sociedade burguesa o que distingue sua expressão às de Lefebvre (1991, 1999), o qual busca a caracterização da vida cotidiana sob o modo capitalista de produção.

Ao falar sobre a estrutura da vida cotidiana, Heller (2004) a considera como vida de todo homem sem exceções e independente do posto da divisão social do trabalho intelectual e físico. As pessoas participam da vida com todos os seus aspectos desde o nascimento, é a vida de cada um individualmente, como também de um grupo. A vida cotidiana é, em vários aspectos heterogênia, principalmente no que se refere ao conteúdo e a significação dos tipos de atividades; e hierárquica, mas não de forma eterna e imutável, pois se modifica em função das diferentes estruturas econômico-sociais.

Quanto ao indivíduo, Heller (2004) acrescenta que ele está emerso na cotidianidade e não escapa a sua dinâmica. É ao mesmo tempo um ser particular e ser genérico, porque cada sujeito é único e capaz de fazer escolhas individuais, ao mesmo tempo, que é produto e expressão de suas relações sociais. A vida cotidiana é o fermento secreto da história, pois é nela que ocorre a revolução invisível tramada por todos os homens no processo de evolução social. É dialeticamente o lugar da dominação e da rebeldia e não existe ‘perfeita submissão’ nem mesmo na sociedade administrada pela burocracia e pela indústria cultural.

Em termos gerais, embora apresentem concepções teóricas e conceituais diferenciadas, Lefebvre (1991, 1999), Heller (2004) e Certeou (2012) partem da ideia de que é no cotidiano que estão as resistências ao que é imposto pela ordem social hegemônica, e leva-nos a considerar que nem tudo é cooptado pela racionalidade capitalista, mas que as resistências à razão técnica e ao urbano, enquanto realidade real e virtual são encontradas no cotidiano. É no

cotidiano dos moradores da Vila de Pires Belo onde se encontra a resistência do rural e o que não é capturado pelo modo de vida urbano.

O modo de vida rural como resistência a invasão do urbano permite considerar, que os moradores da Vila, ao desenvolver suas tarefas cotidianas criam formas para escapar do que é imposto pela mundialidade. Há de considerar que essas resistências não são ações planejadas e forçadas pelos indivíduos, mas envolvem a produção das relações mais gerais, ou seja, as práticas desenvolvidas com a intenção de desenrolar a vida, de forma que essas relações encontram-se fora dos limites da produção de mercadorias e do processo de trabalho, embora não as negue, para focar a vida em todas as suas dimensões.

A vida cotidiana tem influência na produção/reprodução do espaço, visto que este não se restringe apenas as formas completas, mas está cheio de vida, fragmentos de vida e da dimensão do uso do espaço e do tempo. Em pequenos núcleos urbanos como a Vila, o cotidiano dos habitantes é permeado por relações com o rural observadas no modo de vida de cada habitante, na forma que se comportam e como se relacionam.

A constituição dos hábitos rurais ocorre sobre uma lógica mais próxima à natureza, com intensa relação com a terra e com o que ela pode oferecer “[...] a base das relações cotidianas é edificada sobre a intensa ligação de troca estabelecida entre homem e terra.” (BAGLI, 2010, p. 87). A terra representa o sustento da família e garantia de sobrevivência.

A tradição rural, isto é, as habilidades de trabalhar com a terra, dos moradores da Vila fazem com que a população viva necessariamente das atividades no/do campo e permite maior relação com a terra, presente em áreas rurais, principalmente, porque é o que sabem e estão acostumados a fazer, já que a formação profissional dessa população centra-se na atividade agrícola.

É importante considerar que os objetos e as ações característicos do rural e constituintes da identidade da população da Vila não permitem leituras que contrapõem o rural e o urbano, pois a compreensão desse espaço faz-se ao reconhecer e considerar as sutilezas e os limites dessa relação. Silva, R. (2008), ao estudar a permanência do rural nas vilas distritais de Cibeles e Caiçara no interior de Goiás, afirma que os conteúdos rurais (ruralidades),

[...] se apresentam de várias formas. Nota-se a facilidade que os moradores das vilas têm de identificar a presença de um estranho, já que ‘todo mundo se conhece’. Há uma clara noção de pertencimento e um sentimento de localidade existente entre eles. Os níveis de contato e cooperação nas diversas atividades [...] exprimem os laços de afinidade entre as famílias,

estendendo-se para além dos limites territoriais específicos das vilas [...] (SILVA, R. 2008, p. 127).

Esses lugares mantêm os traços dos indivíduos que os produzem, o que, de certa forma, permite que se reconheça um viver característico do campo em uma estrutura urbana, mesmo com o acesso da população aos meios de comunicação, sobretudo à mídia. Os meios de comunicação reproduzem e influenciam a comunidade local com hábitos, estilos e valores ditos modernos e globalizados, mas sem que isso descaracterize os costumes e as características rurais.

A definição do lugar e dos seus conteúdos (sejam rurais ou urbanos) é apoiada pelas escolhas e estratégias dos seus moradores engendrados pelas redes de relações históricas e sociais construídas ao longo da vida. Reconhecer o lugar é desvendar o cotidiano de cada morador, seus hábitos, suas relações e sua história. É na observância do cotidiano dos habitantes que se encontram os motivos da permanência de hábitos rurais na Vila de Pires Belo bem como a transformação desses hábitos pelo movimento da modernidade que alcança a cidade e o campo.

4 Algumas considerações

Compreender as relações entre o campo e a cidade na atualidade, nos obriga de certa forma, a reconhecer a realidade multifacetada na qual vivemos e buscar nos reconhecer no momento e movimento da reprodução da sociedade. Esse fato nos leva a distinguir que essas relações são, também, reflexos da inserção do Brasil no quadro da economia mundial e que despertam a necessidade de colocar a “reprodução da sociedade” no centro do debate.

Outro fator a ser considerado é o de reconhecer os distritos como parte do sistema hierárquico urbano brasileiro, sendo influenciado por uma rede de cidades ou de certa forma, influenciando estas. Visto que, os pequenos núcleos urbanos compõem grande parte das áreas urbanas do Brasil, destarte estudos que os envolvam trazem instrumentos para compreensão territorial do país.

O estudo de lugares como a Vila, coloca em evidência que apesar das particularidades, o modo de vida não está isolado do mundial, mas sofre influência direta deste, não de forma completa, mas em ritmos e intensidades diferentes. Dessa forma, os hábitos rurais não são descaracterizados, mas recriados e adaptados, preservando particularidades. Com efeito, o modo de vida do campo é recriado em face aos impulsos de uma crescente modernização. Assim, é possível encontrar na Vila, elementos modernos como internet, telefone, o que não

significa um total abandono do modo de vida rural pela população, mas sim transformações e adaptações com intensidades e ritmos diferenciados.

Os hábitos rurais são reconhecidos através das relações cotidianas, do trabalho, das relações sociais, e não por meio dos aspectos físicos da Vila. Não é a falta de infraestrutura que garante a existência/permanência de conteúdos rurais. As características rurais, existentes na Vila, manifestam-se como um modo de vida, ou seja, a forma como uma determinada sociedade se reproduz socialmente e como se relaciona interna e externamente, como produz seu sustento, cria e mantém seus mitos e rituais ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

BAGLI, P. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Org.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 81-110.

BRANDÃO, C. R. **A partilha da vida**. São Paulo: Geic / Cabral Editora, 1995. 273 p. (Cultura, Educação e Ambiente no Vale do Paraíba, 1).

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007b. 123.

_____. Uma leitura sobre a cidade. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v. 1, n. 1, 2004, p. 11-30.

CASARIL, C. C. Pequenas cidades ou cidades locais? Por uma perspectiva teórico-metodológica atual. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 16, 2010, Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre, 2010. p. 1-13.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 18. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012. 316 p.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Tradução Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 10. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011. 371.

CORRÊA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 30, p. 05-12, 2011.

COSTA, C. L. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade: a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO)**. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

DEGASPARI, S. D.; VANALLI, T. R.; MOREIRA, M. R. G. **Apostila de normalização documentária: com base nas normas da ABNT**. Presidente Prudente: Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação. 2006, 31 p. <http://www2.prudente.unesp.br/biblioteca>.

ESTADO DE GOIÁS. Lei complementar nº 4 de 17 de jul. de 1990. Disponível em: <<http://www.sefaz.go.gov.br/LTE/LC-004-90.htm>>. Acesso em: 20 maio 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 428.

FERREIRA, S. C. Contribuição ao debate acerca de pequenas cidades na rede urbana. In: SIMPÓSIO SOBRE PEQUENAS CIDADES E DESENVOLVIMENTO LOCAL, 1, 2008, Paraná. **Anais...** Paraná: Departamento de Geografia da UEM, 2008. 9 p.

FERREIRA, Y. N. O papel dos distritos na estruturação da fronteira e seu significado urbano. **Geografia. Revista do Departamento de Geociências**, Londrina, v.6, 1990/1991, p.55-65.

FRESCA, T. M. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator**, número especial, dez. 2010.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 121 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/GO2010.pdf>. Acesso em: 20 de nov. de 2010.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, H. Níveis e dimensões. In: _____ **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p. 77-88.

LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010. 250 p. (Série estudos e pesquisas, 87).

MATOS, P. F. de; PESSÔA, V. L. S. O “modelo” da agricultura modernizada no Chapadão do distrito de Santo Antônio do Rio Verde - Catalão (GO): o Grupo Rampelotti. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 18, n. 34, p. 99-114, jun. 2006.

MELO, N. A. de M. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO): análise de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas**. 2008. 527 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

MENDES, E. de P. P. **A produção rural familiar em Goiás: as comunidades rurais no município de Catalão**. 2005. 294 f. Tese (Doutorado em Geografia - Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual de São Paulo, Presidente Prudente, 2005.

MENDES, E. de P. P.; PESSÔA, V. L. S. Técnicas de investigação e estudos agrários: entrevistas, registros de observações e aplicação de roteiros de entrevista. In: RAMIRES, C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p. 509-537.

MARAFON, G. J. O espaço rural em transformação: as novas relações campo x cidade no estado do Rio de Janeiro. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA RURAL, 8, 2011, Porto de Galinhas. **Anais...México**: Alasru, 2011. 20 p.

MONASTIKY, L. B. et al. A “escala esquecida”: modernização e políticas públicas nos distritos municipais. **Relações campo-cidade temas & matizes**, Cascavel, n. 16, p. 8-23, 2009.

PATTO, M. H. S. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. **Perspectivas**, São Paulo, v. 16, p. 119-141, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção, São Paulo: Hucitec, 1990 45 p.

_____. **Espaço e sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979. 65 p.

SILVA, R. L. B. R. da. **Patrimônios**: espaço e lugar - Estudo das Vilas de Cibele e seus conteúdos. 2008. 234 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOARES, B. R. As novas espacialidades urbanas das cidades médias para o século XXI. In: OLIVEIRA, M. P.; COELHO, M. C.; CORRÊA, A. (Org.). **O Brasil, a América Latina e o Mundo**: espacialidades contemporâneas. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj/Anpege, 2008. v. 1, p. 153-164.

SOARES, B. R.; MELO, N. A. de. Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 229-247. (Série estudos e pesquisas, 87).

VEIGA, J. E. da. **A dimensão rural do Brasil**. São Paulo: FEA-USP, 2004. Disponível em: <<http://www.econ.fea.usp.br/seminários/artigos>> acesso em: 19 de mar. de 2010.

WANDERLEY, M. N. B. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Norma Giarracca. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001. p. 31-44. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>. Acesso em: 03 de mar. de 2010.

NOTAS

¹ Segundo Veiga (2004) a “pressão antrópica” seria um indicador do grau de artificialização dos ecossistemas e do efetivo grau de urbanização de territórios, ou seja, um indicador que melhor refletiria as modificações do meio natural resultante das atividades humanas.

² Segundo Brandão (1995, p. 76), roça é o nome do local de plantio estendido para significar o lugar social da vida do homem do campo.

³ Pequeno caderno onde se anotam as compras feitas a crédito em armazéns. (FERREIRA, 1998, p. 114).

⁴ Ver Lei Complementar n. 04, de 17 de Julho de 1990, Capítulo I referente à criação, a fusão, o desmembramento e a incorporação de municípios.